27-81

Angola e a difícil procura da sua identidade cultural

O assunto literatura não estava na pauta sobrecarregada da visita do vice-ministro da Educação de Angola, Artur Carlos Maurício Pestana dos Santos, a São Paulo. Mas diante da sala lotada por estudantes e professores da USP, ontem pela manhã, primeiro dia das férias escolares, o homem público cedeu lugar ao escritor e intelectual Pepetela, autor de "As Aventuras de Ngunga", personagem cujo comportamento sintetiza as aspirações de libertação de Angola do colonialismo português. Liberdade e literatura foram os assuntos de um diálogo que ocupou poucas horas da missão que o trouxe ao Brasil: contatar professores em Brasília, Bahia, Pernambuco, São Paulo e Rio para o ensino universitário em seu país, abandonado no campo educacional, como também em muitos outros, após a independência.

Surpreso com o convite para o diálogo e, mais ainda, com o conhecimento do público sobre os seus livros, o ex-integrante do MPLA e intelectual Pepetela revelou porque é difícil, hoje, ser escritor em Angola. Em 1975, terminado o conflito, Angola se transformou de praça de guerra em um grande canteiro de reconstrução material, intelectual, moral, cultural e artística. O médico, o engenheiro, o professor, o lavrador, quem ficou, teve de arcar com essa responsabilidade. "O escritor está muito empenhado na criação de seu país e sobra pouco tempo para escrever, a não ser que ele se supere." E isso tem acontecido.

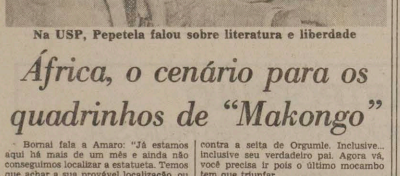
Para escrever a peça teatral "A Revolta da Casa dos Ídolos", por exemplo, Pepetela (que quer dizer pestana, num dos muitos idiomas angolanos) só encontrou tempo quando ficou doente e esteve afastado temporariamente de seu cargo no Ministério da Educação. Se esse aspecto o frustra, há outros, porém, que o estimulam. Seu livro **Mayombe**, escrito em 1970, na Frente de Cabinda, em plena guerra, só foi publicado em setembro do ano passado, esgotando-se em poucas semanas e, sobretudo, fazendo sucesso entre estudantes e membros das Forças Armadas. O livro sobre a época da guerrilha em Angola foi até mesmo comentado no Times inglês, por um jornalista que não entendeu como "em Angola, um país de voz unitária, era publicado um livro de contestação, de um membro do próprio governo, e sem qualquer censura".

Pepetela defende que a literatura tem uma função social e deve "contribuir para a transformação da própria sociedade". Para ele, a produção literária contemporânea de Angola, mesmo considerando as diferenças regionais e lingüísticas, "procura ser mais atuante e mais assimilável por toda a gente, rompendo até mesmo com certas imposições de colonialismo". Há muitos exemplos. Os escritores de Luanda, do grupo de Luandino Vieira e Boaventura, "que pesquisam uma linguagem popular, em que a forma de expressão é a língua portuguesa, misturada à língua local, o **ambundo**, mas que refletem a realidade social". Há ainda Henrique Abranches, Uanhenga Xito e muitos outros.

De um lado, inificar o país; do outro, não perder a variedade de formas de expressão de sua arte. Como resolver o problema? Angola tem o vice-ministro quem tem a palavra: "Oficialmente, está definido que se deve incentivar todas as manifestações culturais populares e para isso é preciso desenvolver as próprias línguas nacionais, inclusive elaborar gramáticas. Para a literatura e o ensino, no entanto, o idioma é o português. E aí está uma grande questão, porque há também a necessidade de se reforçar a unidade nacional. O Ministério da Educação não sabe que língua ensinar, porque o português de Angola não é o mesmo de Portugal, então está preparando alfabetizadores nas sete línguas nacionais também. Há uma realidade efetiva de bilingüismo. Cada região tem sua língua africana e o português. Nesse momento seria difícil dizer qual o melhor caminho. Impor o português ou um dos idiomas nacionais? É muito complexo".

O teatro é outra atividade que preocupa Pepetela, quer como artista ou vice-ministro. Em Angola não existe uma tradição teatral. Os textos de autores nacionais são escassos. Ele certa vez questionou um grupo teatral por que encenava um texto estrangeiro e este o desafiou: "Só temos o seu texto, 'A Corda', e já o montamos". Pepetela respondeu ao desafio com "A Revolta da Casa dos Ídolos", que o grupo nunca montou: "Agora tem um pessoal interessado em montar essa peça aqui no Brasil. Quem sabe provoque o orgulho nacional em Angola". A brincadeira, no entanto, segue a grande dúvida: "Até que ponto a montagem que nasce de um texto escrito não limita, não atrofia a capacidade criativa?" Professor de criações durante a guerra, Pepetela, percebeu que seu povo, habituado ao conto oral, é capaz de criar peças teatrais a partir de temas que lhe são propostos, como os meninos e meninas faziam sem qualquer inibição.

Há muito por fazer. Muitas dúvidas. Mas Pepetela garante que os angolanos, ao contrário de outros povos da África, hoje não se sentem como órfãos do colonizador. Para ele, o colonialismo português sempre teve pouco impacto cultural, "o que permitiu a sedimentação de uma cultura autônoma em Angola, que não procurou modelos em Portugal". Já a cultura africana de expressão francesa, segundo o escritor, "é uma cópia ao contrário da cultura francesa e, com raras exceções, a única coisa que faz é pôr preto onde é branco". Livres desse domínio muito mais autoritário e cruel, porque inibe a criação e as potencialidades locais, os angolanos, de acordo com Pepetela, podem chegar à sua identidade talvez mais rápido e, quem sabe, sem muitos traumas.



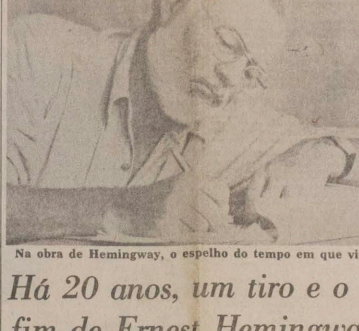
Na USP, Pepetela falou sobre literatura e liberdade

África, o cenário para os quadrinhos de "Makongo"

Bornal fala a Amaro: "Já estamos aqui há mais de um mês e ainda não conseguimos localizar a estátua". Temos que achar a sua provável localização, ou ao menos a tribo a que pertence. E a África é tão grande!" Assim começa a história de "O Tambor de Ogume", com a qual Antonio Malta Campos abre a revista de quadrinhos **Makongo**, que será lançada hoje, às 21 horas, na Cultil Discos e Artes (rua Pinheiros, 537). Paulo Monteiro e Rodrigo Bezerra criaram as outras duas histórias da revista — "Mozambo" e "A Sombra da Onça" —, que também traz dois textos do "Segundo Livro Ilustrado", de J. Staub, obra editada em fina do século passado na Suíça, sobre um tigre e um leão "reconhecido". A África, continente de mistérios, é o cenário das três histórias, "tentativas de captar a atração que o homem ocidental tem pelo exótico e de ironizar essa relação". É o que faz Paulo Monteiro no diálogo entre o velho Nigomo e Josias:

— Você é o último dos mocambos. Todos os seus parentes morreram lutando contra a seita de Orgumle. Inclusive... inclusive seu verdadeiro pai. Agora vê, você precisa ir pois o último mocambo tem que triunfar.

E o que repete Rodrigo Bezerra. "Capturem o negro! Vivo ou morto! Mas cuidado... como vocês sabem, ele é o atual líder da selva protibida, e como vocês sabem, ele possui estranhos poderes..." O senhor Bornança fala a seus comandados sobre um descendente de Makongo, nome da revista e lendário personagem que jamais apareceu. Com problemas de "Histórias de Mistério", **Makongo** pretende oferecer a seu "pequeno e intelectualizado público", na opinião de Paulo Monteiro, o clima exótico das histórias do Tarzan. Histórias lidas pelos autores, todos na faixa dos 20 anos, juntos desde um trabalho análogo, nas extintas **Boca** e **Pipagaio**. Antonio Malta Campos estuda arquitetura na FAU; Paulo Monteiro é colaborador no jornal **O São Paulo** e ilustrador do livro "Camões e os Lusíadas"; Rodrigo Bezerra é professor de artes plásticas. A tiragem de **Makongo**, cujas histórias continuarão no próximo número, é de mil exemplares.



Na obra de Hemingway, o espelho do tempo em que viveu

Há 20 anos, um tiro e o fim de Ernest Hemingway

Epígrafe de "Por quem os Sinos dobram": "A morte de qualquer homem diminui porque sou parte integrante da humanidade e por isso não procures nunca saber por quem os sinos dobram: eles dobram por ti". Os sinos dobraram por todos os homens quando Ernest Hemingway morreu, numa manhã que o encontrou solitário em sua casa de Ketchum, próximo a Sun Valley, Idaho, ao lado da espingarda que o acompanhava a uma grande paixão, a caça. A espingarda e Hemingway se completaram naquele momento, há exatamente 20 anos, e o tiro foi disparado. Acidente? Suicídio? A primeira versão foi anunciada por sua mulher, Mary: "Ernest Hemingway matou-se acidentalmente esta manhã enquanto limpava seu fuzil, às 7h30 locais. Os funerais serão realizados sexta-feira próxima e serão íntimos". Mas todos acreditaram na segunda, já que o escritor se recuperava de uma crise de depressão que o levara à Clínica Mayo. Algumas semanas antes, escrevera ao seu editor, Charles Scribner Jr., e confessara a sua esperança — "espero estar fora daqui com a mesma boa forma de sempre, antes de muito tempo". Os sinos dobraram pela esperança morta e uma vozgigante falou:

— Era um dos homens mais valentes, dos mais estritos em seus princípios e dos mais severos como artífice, dedicado por completo à sua vocação, a de deter por um momento compreensível as ridicularias dos seres humanos complicados na tragicomédia do viver. Para os poucos que o conheceram bem, Hemingway era quase tão perfeito, como homem, como os livros que escreveu.

William Faulkner, escritor como Hemingway, Prêmio Nobel como Hemingway, falou mais e afirmou que a morte não está incorporada à sua biografia. E não foi. Apesar dos livros póstumos, que seu espírito crítico não permitiu vir à luz, a obra de Hemingway se tornou imortal por ilusões de vida e morte como "O Sol Também se Levanta", "Adeus às Armas", "Por quem os Sinos Dobram" e "O Velho e o Mar", povoados por heróis de bravura indomável que levavam à reflexão sobre o tempo em que viveu seu autor, tempos de violência. Como um Jack London redivivo, Hemingway conciliou aventura e literatura, aparando golpes de alguns dos maiores momentos de violência do século XX: a I Grande Guerra, a Guerra Civil Espanhola e a II Grande Guerra. Em todos eles, a participação ativa e os olhos atentos que o fizeram colaborador de vários jornais, primeiro interessados no vigor de sua narrativa e, depois, quando o homem se fez mito, em sua vida como notícia — pescador e caçador, viril, com aptidões atléticas e literárias, criador de casos, bêbado e boêmio, enfim, célebre. No Brasil, uma colega de ofício acompanhava as proezas e a literatura de Hemingway. Era Lygia Fagundes Telles:

— Hemingway e seu fascínio pela aventura, pelo perigo. Porque só o perigo mostra o direito e o avesso do homem, do herói e do anti-herói, principalmente do anti-herói, sempre na mira desse caçador implacável consigo mesmo. E com seus personagens. A provação do homem moderno. Pólvora e sangue em meio de amores igualmente violentos, as mãos sempre estendidas no adeus da morte. Dificilmente outro escritor conseguiria retratar, como ele retratou, o homem nessa terra devastada, numa luta atroz para sobreviver, mais do que sobreviver, para predominar sobre todas as coisas.

A necessidade de sobreviver, vencer, que está no velho pescador em luta com o peixe, ambos obstinados, ambos indomáveis, personagens que concebeu para "O Velho e o Mar" e estavam dentro de si, ele que exaltava a coragem na sua vida e na sua obra, mas que se viu acuado quando a velhice chegou. E Ernest Hemingway não foi o velho obstinado de seu livro, mas um velho — velho, se tinha 62 anos? — que duvidou da arte que o consagrara. Um velho que se encontrou solitário, numa manhã de 1961, com uma espingarda. Uma espingarda que disparou. Um tiro que repercutiu em todo o mundo, Ocidente ou Oriente, num lamento uníssono. O que John dos Passos disse, todos disseram: "Foi um escritor magnífico, de um estilo muito puro. Estou certo de que os seus relatos não serão esquecidos. Creio que tudo que li do mesmo será duradouro".

F.M.

Livros

FORRÓ DA TIA OLINDA, de Terezinha Alvarenga (Editora Comunicação, 52 páginas Coleção do Pinto). As crianças que vivem nas grandes cidades poucas vezes têm a possibilidade de participar das festas juninas. Morando em apartamentos, o mês de junho passa sem as quadrilhas, as fogueiras, e, principalmente, sem a liberdade que existe no campo. E para essas crianças das grandes cidades que a autora escreveu este livro, na tentativa de fazer com que elas conheçam melhor as brincadeiras da noite de São João e a vida na roça. Mas também as crianças do interior, segundo a autora, podem rememorar, em outras épocas do ano, essas mesmas festas. As ilustrações e a capa são de Sônia Ledic.

OS QUE PODEM VOAR, de Elias José (Editora Comunicação, 38 páginas Coleção do Pinto). Elias José é um autor consagrado, com vários prêmios obtidos em diversos concursos. Alguns de seus livros, a exemplo de "Jogo Duro", já tiveram várias reedições. Neste seu último lançamento, com ilustrações e capa de Melado, a história de um menino que tinha um tio que às vezes se fazia de padre ou benzedor, por causa de Marta, uma menina retardada, mas de quem todos gostavam. Elias é autor de vários livros para adultos, como "Inquérito Vagão no Fundo do Poço", "O Tempo, Camila", "A Mal Amada" e outros.

A MENINA DE ARRET, de Giselda Laporta Nicolelis (Editora Pioneira, 32 páginas). Este livro recebeu uma menção honrosa no concurso promovido, este ano, pela União Brasileira de Escritores do Rio de Janeiro. Uma menina chega em casa certo dia acompanhada por Paula, apresentada a todos como vinda de um planeta distante chamado Arret. Seus pais permitem que Paula more com ela, mas, aos poucos, todas as pessoas do convívio da menina notam que Paula tem uma estranha qualidade, ou se trata-se mesmo de tudo que possa ser imaginado. A menina, que se chama Laurita, resolve visitar o planeta de onde vinha Paula, mas lá não é assustador com ela. Laurita não consegui mudar sua imagem ou transformar-se em objetos, como fazem todos os habitantes de Arret. As ilustrações são de Baru.

AVENTURA NO MAR, de Teresa Noronha (Editora Pioneira, 32 páginas). Esta é a história de Luisinho, um menino que queria ser marinheiro, na sua primeira viagem pelo mar. Seus problemas, as emoções e os perigos são descritos pela autora. Mas também há os vários amigos que ele encontra durante a viagem e com eles funda um grupo de pequenos agentes secretos para investigar tudo o que se passava no navio. Apesar do pouco tempo (o navio ia de Santos a Vitória), eles conseguem descobrir passageiros clandestinos, jóias desaparecidas e outros problemas. A capa e as ilustrações são de um novo desenhista, C. Wedge.

MARICA, MARILÁ E MARICOLÁ, de Maria Heloisa Penteado (Editora Pioneira, 58 páginas). Três bruxinhas, filhas de um consultado casal de bruxos, levam uma vida quase normal de três meninas nascidas numa família desse tipo. Mas uma delas, Maricolá, a mais nova, era diferente: tinha um gato branco, ao invés do tradicional gato preto de todas as bruxas, e adorava coisas que seus pais normalmente detestam: sorvete, sabonete e vestidos coloridos. E mais, não gostava de feitiçaria, bolinhos de tripa de largatixa etc. Isto, no entanto, não quer dizer que ela não fosse uma boa bruxinha, apesar de seus pais acharem que ela era muito estranha e que influenciava muito as duas irmãs mais velhas. As ilustrações são da própria autora do texto, Maria Heloisa Penteado.

Artes Visuais

BEATRIZ PAGES — expõe 51 obras no Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo (Parque do Ibirapuera, Portão da Bienal). Não desenhos e pinturas realizados entre 1973 e este ano em diversas técnicas: nanquim, guache, pastel, óleo, parafina, lápis, sempre sobre papel arroz. Até 12 de julho.

GREGORY FINK — O pintor inglês radicado no Brasil há anos, depois de realizar várias exposições na Europa e nos Estados Unidos, volta ao circuito das artes plásticas paulista na quinta exposição pela Folhi Demarchi. A partir de 9 de julho, 3 dias, até 16 de julho.

QUATRO ARTISTAS CONTEMPORÂNEOS — É o título da mostra coletiva da Lucio Galeria de Arte (av. Brigadeiro Faria Lima, 1.648), inaugurada hoje. Para dar seu acervo, essa exposição reúne H. Flamingh, Lothar Charoux, Mestre Poli e Tomie Ohtake. Foi especialmente editada para esta coletiva uma serigrafia de Lothar Charoux, com 30 exemplares, que serão vendidos a cinco mil cruzeiros cada. A mostra pode ser vista até 3 de julho.

DESENHOS — de Rosa Tassue ficam até 12 de julho na Galeria Seu Carmo (R. Seu Carmo, 147). Além dos desenhos, Rosa apresenta também uma nova experiência: gravuras em madeira e carvão. De segunda a sexta-feira, das 9 às 21 horas. Sábados e domingos até às 13 horas.

PAISAGENS — Coletiva reunindo A. A. Marx, Antunes, Bárbara Rodrigo, Berb, Carpentieri, Carlos de Silva, Helenos, Ikos, Inacena Kanoko, Madiano Tomei, Nilton Alquezar, Pellegatta, Pennacchi, Real Servadei e Yoshiya. Até dia 11 de julho na Academia (al. Lorena, 1.916), aberta de segunda a sexta-feira, das 9 às 21 horas e sábados de 9 às 16 horas.

JOIAS E FOTOS — As jóias criadas durante o curso de ourivaria do Museu Mima Perlmutter estão expostas na Rosely Nakagawa mostrando o processo de confecção. Essas exposições — e final de julho na Imagens de Comunicação (Galeria de Arte (Al. Joaquim Eugênio de Lima, 30).

JAYME XANDO já participou de várias coletivas e agora expõe sozinho suas xilogravuras e entalhos na Galeria de Arte Brasileira (al. Lorena, 2.163). Visitas de segunda a sexta-feira, das 14 às 19 horas, e aos sábados, das 10 às 13 horas.

MOVEIS E OBJETOS — Peças raras de mobiliário europeu e brasileiro e objetos de arte de várias procedências foram selecionados pelo artista plástico Vicenzo Cencin e estão expostos na galeria Velha Europa (rua Haddock Lobo, 1.392). Paralelamente, o artista mostra seus quadros e de outros artistas que fazem parte do acervo da galeria. Até o dia 18 de julho.

A ARTE DOS MINEIROS — O Foto Clube de Minas Gerais está expondo 127 fotografias de seus associados no Salão Fair-Arte Fotográfica (rua Maior Drogo, 470). São fotos em preto e branco e a cores, ampliadas no tamanho de 30x40cm, a maioria delas registrando cenas do cotidiano e paisagens de Belo Horizonte e Ouro Preto. Até o dia 17 de julho, das 14 às 22 horas, de segunda a sábado.

HEINZ KUHN — 30 obras em óleo, guache e aquarela sobre papel ou tela compõem a individual de Heinz Kuhn, na Paulo Figueiredo Galeria de Arte (rua Bela Cintra, 1677). Trata-se de uma mostra retrospectiva desde a chegada do artista ao Brasil, na década de 40, até meados dos anos 60. Em exposição até 5 de agosto, de segunda a sexta-feira, das 14 às 21 horas e aos sábados, das 11 às 15 horas.

ARTISTAS MODERNOS ENQUANTO ILUSTRADORES — A nova exposição que está no Masp (av. Paulista, 1578) mostra 34 livros, duplicatas da coleção do Masp, que trazem ilustrações de artistas famosos como André Derain, Max Ernst, Pablo Picasso, Le Corbusier, Henri Matisse e Jasper Johns, entre outros. A mostra permanece até 12 de julho e pode ser vista no horário regular do museu.

ROBERTO GANEN expõe suas pinturas na Galeria Cultura (rua Libero Badaró, 19), definidas pela professora Helouise Farah Ricetti como "uma maneira expressionista de mostrar a arte em busca de um mundo melhor". Entre as obras apresentadas estão cavalos, marinhas e paisagens urbanas.

MOMA DESIGN — Uma exposição permanente do que existe de mais representativo no desenho industrial do século XX ocupa parte da sede do Núcleo de Desenho Industrial, no Centro das Indústrias do Estado de São Paulo (viaduto Dona Paulina, 80 13º andar). Horário comercial.

NENA — As fotografias de Michel Alves de Lima, percorrem o ambiente doméstico de Nena e seu cotidiano, numa seqüência de 80 registros diferentes. A montagem tem como ponto de partida a idéia de um livro, portanto, requer leitura seqüencial. Com diagramação de Ricardo Tilkian, a mostra pode ser vista até 18 de julho na Galeria Fotográfica (rua Bela Cintra, 1.465).

Nas fotos de Paulo Leite, várias faces da realidade

O real e o imaginário nas fotografias de Paulo Leite

Há três anos que o repórter-fotográfico Paulo Leite tem seus trabalhos publicados nos jornais **O Estado de S. Paulo** e **Jornal da Tarde**. Fotografias que revelam no dia-a-dia jornalístico a realidade visual dos fatos, ora em sua frieza científica, ora no calor dos momentos mais vibrantes. Mas Paulo Leite também dirige sua objetiva para fatos variados, num afazer paralelo ao desenvolvido na imprensa. Fotógrafo 24 horas por dia, captou nos últimos anos imagens que sugerem desde clímas de sonho ao patético de determinadas situações, refletindo em fotos em preto e branco, muitas vezes, a solidão humana ou a alegria dos mortais. E é para mostrar ambas as facetas de seu trabalho que Paulo Leite reuniu 41 fotografias, que estarão desde hoje, às 20 horas, sob os **spots** do Café Melodia (rua Coronel Oscar Porto, 845, Paraíso).

Carioca há 32 anos, Paulo Leite trocou o curso de Biologia no Rio para se dedicar inteiramente à fotografia, em qualquer lugar em que fosse possível realizar diariamente o seu trabalho. Após trabalhar na revista Manchete, como **free-lancer** na divulgação de peças teatrais e em estúdios de programação visual, ele acabou ingressando no jornalismo paulista. Até hoje, participou de várias exposições: **Hecho en Latino-américa** II (II Colóquio Latino-americano de Fotografia), em 1981, no México; "O Homem Brasileiro e suas raízes culturais" (Masp, 1980); "Visita do Papa ao Brasil" (Funarte Rio, 1980); "Lapa" (Museu de Arte Moderna, Rio, 1974) e uma individual na Galeria Fototica (São Paulo, 1978).

Espécie de mosaico das emoções captadas em 35 mm, a mostra, para Paulo Leite, procura "extrair das pessoas, dos lugares e das coisas imagens de um sentimento visual mais pessoal, mais forte, mais reflexivo — o que, nem sempre, se é possível fazer no jornal diário".

Imagens sacras roubadas no Rio

A polícia ainda se encontra sem pistas para chegar aos ladrões que roubaram da Igreja de Santa Margarida, no Rio, peças de grande valor, como uma lâmpada do Santíssimo, de prata, ricamente trabalhada, com 30 centímetros de diâmetro e pesando cerca de três quilos, avaliada em cerca de um milhão de cruzeiros.

Além daquela peça os assaltantes levaram ainda diversos objetos e imagens da igreja, como por exemplo, a figura de Nossa Senhora Aparecida, de madeira, na verdade um **ex-voto** da imagem que se encontra na cidade de Aparecida. Entre outros objetos roubados estavam a coroa de Nossa Senhora de Fátima, de prata, com 18 centímetros de diâmetro; uma estante de missal prateada e trabalhada; um crucifixo de estilo barroco, com perto de 58 centímetros de altura e uma caldeirinha prateada para água benta.

O pároco da igreja, padre Evaristo Poelman, pediu a todos os colecionadores e compradores de antigüidades que denunciem imediatamente quem estiver tentando vender as peças de arte.

fale em público com desembaraço dirija suas reuniões comunicando-se com facilidade

- você adquirirá confiança em si mesmo, rapidamente.
- você falará facilmente de improviso.
- você presidirá e animará com autoridade e eficácia todas as reuniões.
- cursos para grupos particulares e por correspondência.

Admir Ramos Comunicações
RUA DA PALMA, 39 — SALA 1
CONJ. 1-04 — FONE: 35-1329
Cep 01319 — Informações à tarde

VESTIBULAR
NA "BRAZ CUBAS" EM MOGI DAS CRUZES
ENGENHARIA INDUSTRIAL (PLENA) MECÂNICA
DIREITO - PSICOLOGIA
ARQUITETURA
ADMINISTRAÇÃO
ECONOMIA - CIÊNCIAS
COMUNICAÇÃO - LETRAS
JORNALISMO - PEDAGOGIA
RELAÇÕES PÚBLICAS
ESTUDOS SOCIAIS
PUBLICIDADE PROPAGANDA
EXAMES: 28 e 29 JULHO/81
FEDERAÇÃO DAS FACULDADES "BRAZ CUBAS"
Inscrições abertas
Rua Quirino de Andrade, 215 - 2.º
(4 22 , Tels.: 253-1848, 255-5184, 259-5195 - SÃO PAULO
Avenida Cesar Garcia, 1534
Fone: 291-4929 - SÃO PAULO
Rua Francisco Franco, 139
Fone: 469-6444
MOGI DAS CRUZES

CLÍNICA DE OLHOS
PROF. B. DE PAULA SANTOS
CRM 4.368
Operações e tratamentos em especial de estrabismo
Técnica de Ortóptica
Consulta com hora marcada
RUA MARQUÊS DE ITU, 58 - TELEFONE: 255-0001

DOMINGO QUE VEM, SÓ UM POSTO VAI FUNCIONAR.
No Suplemento Feminino do seu O ESTADO DE S. PAULO, todos os domingos você encontra um verdadeiro posto de informações seguras. Produtos e serviços profissionais diversos estão em SERVIÇO. Uma agenda completa para você consultar a semana toda. SERVIÇO, o posto de informações que sempre funciona.

CLÍNICA
Prof. Bernardo Dror Felsenfeld
Clínica geral-urologia-eletrocardiografia
Rua Tamandaré 693, Conjunto 25
Fone: 270-5404
Consulta com hora marcada
Estacionamento gratuito no n. 767

Clínica Paula Santos
Ouvidos - Nariz - Garganta
Dr. Horácio de Paula Santos CRM 2348
Dr. Sérgio de Paula Santos CRM 3754
Dr. Luiz Augusto de Lima e Silva CRM 17313
Alameda Jaú, 1767 - 1º andar - Horário das 14 às 18h.
Tel.: 853-9223 - São Paulo.

DIÁLOGO AGROPECUÁRIO
TV RECORD — SÃO PAULO — SÁBADO — 07:30 H
Retransmitido também nas seguintes emissoras: TV IMPERADOR — FRANCA — SP • TV RIO PRETO — SÃO JOSÉ DO RIO PRETO — SP • TV ALTEROSA — BELO HORIZONTE — MG • TV BRASÍLIA — BRASÍLIA — DF • TV GOYA — GOIÂNIA — GO • TV SENTINELA DA AMAZÔNIA — ÓRIDOS — PA • TV BARÉ — MANAUS — AM • TV UBERABA — UBERABA — MG • TV CULTURA — FLORIANÓPOLIS — SC • TV VITÓRIA — VITÓRIA — ES
PRODUÇÃO: LEMOS BRITTO

14 DE JULHO
FESTA NACIONAL FRANCESA
JANTAR-DANÇANTE NO HILTON
Todos os brasileiros e colônias estrangeiras e todos os franceses estão convidados para a Festa Nacional da França ("A Tomada da Bastilha") que será comemorada com um Sensacional Jantar-Dançante (Beneficente), com vinhos, queijos e champagnes, no Roof do São Paulo Hilton Hotel - Dia 14 de Julho às 20:30, "On dansera au son de l'acordeon". Os convites estão à disposição dos interessados na Câmara Franco-Brasileira, à rua General Jardim, 182 - Tel. 259-6968 e 259-1585, com Terezinha, ou à Rua do Arouche 49 - conj. 401 Tels: 223-3739 (horário comercial) e 258-2766 e 258-8915 (outros horários), com Sr. Guy.

VESTIBULAR 81
CURSOS RECONHECIDOS
- ADMINISTRAÇÃO (EMPRESAS E PÚBLICA)
- CIÊNCIAS CONTÁBEIS
- COMÉRCIO EXTERIOR
- LETRAS
- CIÊNCIAS
- PEDAGOGIA
- MATEMÁTICA

LARGO SÃO BENTO (JUNTO AO MOSTEIRO) FONES: 237-3177 e 229-2635
RUA PAMPLONA, 1616 (ESQUINA COM LORENA) FONES: 280-8531 - 282 4734 - 282 3433
FACULDADES TIBIRIÇÁ
INSCRIÇÕES ATÉ 03.07.81